

Tese desnuda história de Brasília

Professor da UnB mergulha numa pesquisa de três anos e revela dados inéditos sobre a mudança da capital

MALU PIRES

Brasília é um tema apaixonante para os intelectuais. A Universidade de Brasília já totaliza 117 teses sobre os mais variados aspectos da cidade, 12 delas de mestrado. A primeira realizada a nível de doutorado foi defendida em dezembro pelo professor Luís Carlos Lopes, do Departamento de Ciências da Informação e Documentação da UnB. A obra “Projeto Brasília: modernidade e história” recebeu nota 10 com louvor dos seis membros da banca examinadora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Um trabalho de envergadura que “consumiu” três anos da vida do historiador, “centenas de horas de trabalho”, a leitura de 195 livros e periódicos, a audição de 82 depoimentos e viagens ao exterior — “pagas do próprio bolso”. O esforço foi sintetizado em 256 páginas, 20 quadros e 22 ilustrações. Seu mérito — sacudir mitos acumulados ao longo dos anos sobre as razões da construção, transferência e consolidação da capital brasileira. “Não é mais possível analisar estes pontos com os mesmos argumentos que têm sido usados na defesa e na crítica. Eles envelheceram junto com a cidade, que já tem mais de 30 anos”, diz.

Herança getulista — Nesta perspectiva, dizer que a construção e transferência de Brasília, iniciadas e concluídas em cinco anos — de 1956 a 1960, foram uma consequência dos discursos coloniais reciclados de segurança da capital, desenvolvimento do Centro-Oeste são argumentos refutados. A motivação deste processo foi política e econômica, ancorada na necessidade de o presidente Juscelino Kubitschek da se “livrar da herança de Getúlio Vargas e das conspirações militares” e na vontade das elites de dar ao País “um novo perfil econômico”.

Foi usada para isso a ideologia do modernismo, um discurso que

pregava um País urbano, industrial e capitalista. E que cuja arquitetura, fundamentada em princípios igualitários, foi utilizada para apresentar “este novo Brasil ao público de interno e externo”. “A decadência política e econômica do Rio de Janeiro era flagrante. Era preciso que São Paulo se consolidasse como centro industrial e que JK terminasse sua meta-síntese, a tempo de assegurar os dividendos da realização”, diz o historiador.

Estas duas metas foram atingidas. “Acreditou-se que uma nova capital com contornos progressistas seria capaz de mudar a história, removendo o imenso peso da miséria brasileira”, ressalta. Criou-se um novo mercado interno com a migração e a construção das rodovias. A edificação de Brasília foi um episódio onde o País se revelou, para dentro e para o Exterior, como uma nação capaz de grandes realizações”, frisa Lopes. Já a sua consolidação como capital — ocorrida 10 anos após sua inauguração — é vista como consequência das contradições entre sonho e prática.

Ressaca — A “ressaca” vem com a inflação, o aumento da dívida externa, a falência do sistema arquitônico igualitário, a instabilidade política. Só com a instalação da guerrilha urbana no Rio de Janeiro e com o seqüestro de embaixadores é que os militares assumem a nova capital por motivos de segurança e Brasília se consolida como Distrito Federal. “Entre a realidade e o sonho existem o desejo e a vontade de homens que querem alterar o presente, esperando um futuro radioso. Se é verdade que as antigas utopias morreram neste final de século, isto é sinal de que se avizinharam novas referências para ‘a aventura da modernidade’, acredita o autor.

O historiador foi seduzido “pela esfinge” e apresentou sua tese para “desvendar seus segredos”. A construção, transferência e consolidação da capital foram fatos singulares da história brasileira recente, que ainda estão se desdobrando até hoje.

Regina Santos



Em três anos o professor Luís Carlos fez viagens ao exterior, leu 195 livros e ouviu 82 depoimentos